

“SER TRANS É VIVER EM UM PONTO DE INTERROGAÇÃO”: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER TRANSGÊNERO E A MINIMIZAÇÃO DOS TRANSTORNOS PSICOSSOCIAIS

Natan Rodrigues da Silva¹

Vanina Costa Dias²

RESUMO

Observa-se de forma preocupante que as mulheres transgênero tem sofrido transtornos psicológicos em decorrência das inúmeras violências sofridas em seu cotidiano. Tais violências se caracterizam como físicas e psicológicas, interferindo de maneira significativa em sua identidade social como indivíduo que tem isonomia em seus direitos, afetando sua qualidade de vida. A partir desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar quais os transtornos psicossociais causados às mulheres *trans* que sofrem violência, respondendo o seguinte questionamento: quais os possíveis transtornos psicossociais causados pela violência às mulheres transgênero que vivem na cidade de Sete Lagoas/MG? Este estudo busca conceituar a denominação de transgênero, descrever a violência à mulher *trans*, identificar os tipos de transtornos causados em decorrência desta violência e se essas mulheres buscam apoio psicológico e descrever as formas de intervenção psicológica como forma de minimizar os danos causados em decorrência da violência sofrida. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, utilizando como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas cinco mulheres trans. As entrevistas foram coletadas através de ligação de áudio, gravadas com autorização das entrevistadas e de maneira posterior transcritas na íntegra para realizar a análise. Todas as mulheres entrevistadas estão na faixa de 21 a 30 anos e tem mais de 5 anos de identificação como transgênero e atuam como garota de programa, o que de acordo com as mesmas acontece pelo fato de não terem oportunidades no mercado formal de trabalho.

Palavras-chave: Transtornos Psicossociais. Discriminação. Violência. Transgênero.

ABSTRACT

It is worrisome to observe that transgender women have been suffering psychological disorders as a result of the countless forms of violence suffered in their daily lives. Such violence is characterized as physical and psychological, interfering significantly in their social identity as individuals with equal rights, affecting their quality of life. From this context, this article aims to analyze which psychosocial disorders are caused to transgender women who

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida – FCV, Sete Lagoas. E-mail: natan_rodriguesilva@hotmail.com.

² Doutora em Psicologia, Coordenadora e Professora do Curso de Psicologia da Faculdade Ciências da Vida – FCV, Sete Lagoas. vaninadias@gmail.com.

suffer violence, answering the following question: what are the possible psychosocial disorders caused by violence to transgender women living in the city of Sete Lagoas/MG? This study seeks to conceptualize the denomination transgender, describe the violence to transgender women, identify the types of disorders caused as a result of this violence and whether these women seek psychological support and describe the forms of psychological intervention as a way to minimize the damage caused as a result of the violence suffered. This was a qualitative descriptive research, using as research instrument the semi-structured interview. Five trans women were interviewed. The interviews were collected through audio link, recorded with the authorization of the interviewees, and later transcribed in full to perform the analysis. All the women interviewed are between 21 and 30 years old and have more than 5 years of identification as transgender and work as call girls, which according to them happens because they do not have opportunities in the formal labor market.

Keywords: Psychosocial Disorders. Discrimination. Violence. Transgender.

1 INTRODUÇÃO

A Transgender Europe (TGEU), organização europeia que luta pelos direitos da população transgênero, destaca o Brasil como sendo o país com índice mais elevado de travestis e transexuais do mundo (CAZARRÉ, 2015). E nesse grupo o Brasil se destaca no topo da lista por apresentar um alto índice de violência física sofrida por essa população, sendo classificado como um país que tem os maiores números de mortes de travestis, transexuais e transgênero.

Diante da relevância deste problema, este estudo se justifica pela necessidade de chamar a atenção da sociedade em geral para um fenômeno que por sua vez é discriminatório e agride um grupo em determinado, atentando, nesse estudo, para a violência psicológica também sofrida por essas pessoas. O presente estudo aborda um tema da atualidade e que tem importância social, pois, se justifica por abordar a violência contra a mulher transgênero em suas diversas nuances, trazendo para o centro a violência psicológica que por sua vez causa diversos transtornos psicossociais.

A TGEU destaca que aproximadamente 90% das mulheres transgênero vive em uma situação assustadora de prostituição no Brasil, fazendo com que a perspectiva de vida não ultrapasse os 35 anos, pelo fato de morar em um país que tem alto grau de homicídio contra a população *trans*. Para Bourdieu (2015), a dominação do masculino sobre o feminino, nem sempre está na violência física, pois apresenta-se também através da violência simbólica, que é constituída por atitudes e ações psicológicas abusivas.

Esta pesquisa terá como foco a violência à mulher transgênero, questionando: quais os

possíveis transtornos psicossociais causados pela violência às mulheres transgênero? Tem-se como hipótese que diante do domínio masculino de forma cultural a violência causada provoca danos psicossociais; a forma como as mulheres *trans* se expõem e a banalização do sexo fazem com que estas mulheres sejam vítimas de violências provocadas pelo fato de ser quem são. Outros estudos apresentam a ideia de que a violência acontece em decorrência da ideia instaurada a respeito da binariedade, que trata o masculino e feminino como uma forma única de designação, podendo afirmar como sendo um dos apoios para a abuso (BOURDIEU, 2016).

Frente ao que se questiona e as hipóteses apresentadas, o objetivo geral deste estudo é analisar quais os transtornos psicossociais causados às mulheres *trans* que sofrem violência. Quanto aos objetivos específicos, os mesmo se perpassam em: conceituar a denominação de transgênero, descrever a violência a mulher *trans*, identificar os tipos de transtornos causados em decorrência desta violência e se essas mulheres buscam apoio psicológico e descrever as formas de intervenção psicológica como forma de minimizar os danos causados em decorrência da violência sofrida.

Para alcançar os objetivos desenhados nesta pesquisa, a mesma se desenvolveu de forma descritiva com abordagem qualitativa, utilizando procedimentos da pesquisa bibliográfica em sites acadêmicos como Lilacs, Scielo e pesquisa de campo na qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 05 mulheres *trans* que vivem em situação de vulnerabilidade em decorrência das violências sofridas.

Por fim, os resultados apresentados demonstram que as mulheres transgênero vivem em constante risco de violência, uma vez que a atuação das mesmas envolve situações vulneráveis de discriminação quanto a sua prática como garota de programa e o preconceito quanto a sua conquista no mercado de trabalho. Essas mesmas mulheres relatam a real importância de um atendimento psicológico, que tende a trabalhar e intervir em transtornos psicológicos decorridos destas situações de violência física e emocional.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceituação de transexualidade

A transexualidade é determinada pelo fato de o indivíduo de um sexo, acreditar de forma veemente que pertence a outro sexo. Por ser tão forte o desejo de modificar o corpo,

com o intuito de se enquadrar no verdadeiro sexo, ou seja, ao real sexo psicossocial. O transexual feminino é determinado quando o mesmo nasceu com o órgão masculino, porém, com o psicossocial feminino e o transexual masculino quando nasce com órgão sexual feminino e tem o psicológico do sexo masculino (RODRIGUES, ALVARENGA, 2015).

Ainda Rodrigues e Alvarenga (2015) classificam o transexual como sendo primário e secundário, onde o primário é identificado pela manifestação inequívoco do sexo, a começar em seus anos iniciais de vida. Já o transexual secundário se perfaz por aquele indivíduo que tem dificuldade de identificação pessoal, onde se intitula homossexual ou travesti por alguns momentos de sua vida. Algo de grande relevância e conquista do grupo transgênero foi conquistar a despatologização da transexualidade e inutilização da expressão transexualismo, que perante a OMS - Organização Mundial da Saúde - classificava a transexualidade como uma patologia descrita como doença mental através da CID-10 Classificação Internacional de Doença. (OMS, 2018).

Tal avanço demonstra um posicionamento pela OMS no quesito enfrentamento da transfobia estrutural, na qual vive-se em uma sociedade ajustada nas hierarquias existenciais e nas distinções, mostrando que a própria medicina perpetua os estigmas quando relata que a transexualidade é transtorno mental, determinando estes indivíduos como pessoas não autônomas, como assevera Bruna, secretária da ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

Perante estas conquistas, o Conselho Federal de Psicologia através da publicação da Resolução CFP N01/2018, determina que a atuação do profissional de psicologia no Brasil não considere travestilidades e transexualidades como sendo patologias. (CFP, 2018). O Conselho Federal de Psicologia pauta a retirada da transexualidade como patologia, como uma forma de respeito a todas as identidades, mostrando que de fato existe a manutenção da dignidade das pessoas que vivem as identidades de gêneros, de forma diferenciada da que é historicamente definido que vivenciamos. (CFP, 2018).

2.2 Violência contra a mulher transgênero

A violência sofrida pelas mulheres *trans*, se denomina como violência social, sendo a mesma instaurada desde os primeiros anos de vida. Existe uma fundamentação feita pela sociedade determinando a binariedade dos sexos entre masculino e feminino, e desde o

nascimento o ser humano é relacionado através do gênero, impondo-lhe atribuições as quais o mesmo deve viver, portar-se e vestir (BUTLER, 2018).

Quando a mulher *trans* está na fase da adolescência e adulta, sua exteriorização da disforia de gênero está nítida e clara, os empecilhos e obstáculos se tornam mais presentes e frequentes. Observa-se que os relacionamentos interpessoais sofrem abalos em muitas esferas sociais, se tornando vítimas na escola, na família, na vizinhança e no trabalho. Tais circunstâncias comprovam que os indivíduos transgênero em geral sofrem diversas formas de marginalização, com recursos são mínimos para se fazer valer seus direitos enquanto cidadãos, provocando em seu emocional diversos transtornos psicossociais (DIAS, 2011).

De forma excetuada, observa-se que a prostituição é em decorrência da necessidade em sobreviver, pelo fato das portas se fecharem para outras frentes de trabalho, sendo esta a única forma de manter seu sustento dentro de uma sociedade capitalista. Visto que grande parte dos transgênero se encontram na prostituição, existe uma relação errônea e as vezes involuntária de promiscuidade, o que aumenta ainda mais o estigma opressor.

A imagem negativa relacionada ao *trans*, foi construída de forma histórica, como sendo uma doença, algo promiscuo, anomalia, e é apresentada como normal. Neste cenário existe uma dominação natural, opressora e direcionada a um grupo social, e de forma inconsciente foi introjetado nos próprios *trans* que não possuem um certo estudo ou poder social equivalente para compreensão (BOURDIEU, 2016).

2.3 Transtornos causados em decorrência da violência ao *trans*

De acordo com Caputo (2018) quando um indivíduo sofre violência social qualquer que seja, ele se sente inferiorizado em relação aos outros, pois é algo que está ligado diretamente com sua autoestima, relacionamentos interpessoais e em especial à aceitação enquanto não pertencente ao mesmo grupo. Os impactos decorrentes da violência psicossocial estão ligados diretamente ao estigma de ser um indivíduo que vive nos padrões requeridos por todos e por um grupo. No sentido do transgênero, no caso da mulher *trans* que vive em situação de prostituição, compreende-se este estigma como um fato que produz descrédito e de inferioridade, passando a questionar sua própria existência, provocando assim sentimento de culpa, vergonha, sentimento de raiva e ocasionando certa confusão quanto a sua própria identidade, devendo ser trabalhada através de técnicas psicológicas a fim lidar com suas emoções. (BUSIN, 2015).

Nesse sentido, a intervenção da psicologia está pautada em auxiliar, acolher e enfrentar as situações vivenciadas em decorrência de sua posição enquanto indivíduo transgênero e não atuar com uma intervenção de identidade, pois de acordo com o CFP o trabalho dos profissionais está em acolher, a fim de compreender e lidar de forma estrutural com os fatores que por sua vez causam ou causaram transtornos advindos da violência sofrida.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Para Oliveira (2018), a metodologia aborda um conjunto de processos nos quais se faz possível o reconhecimento da realidade específica, produzindo certo objeto ou desenvolver procedimentos ou comportamentos, levando a compreensão de um processo intelectual ou mesmo operacional.

3.1 Classificação da pesquisa

Quanto ao que se refere à classificação de pesquisa, o estudo em questão se desenvolveu através de uma abordagem *descritiva qualitativa*, sendo que a mesma é capaz de oferecer inúmeros meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos, permitindo que novas áreas nas quais os mesmos ainda não sejam claramente esclarecidos sejam exploradas dentro do tema. A pesquisa qualitativa tende a explorar e compreender o significado pelos quais as pessoas ou grupo conferem uma situação de cunho humano ou social. O desenrolar da pesquisa abrange questões que emergem dados que são coletados no ambiente do participante, a realização da análise de forma indutiva, construída a partir de características de temas ou interpretações realizadas pelo pesquisador quanto ao significado de todos os dados. Todos os envolvidos nessa forma de investigar encaram a pesquisa que atribuem o estilo indutivo e quanto a importância e a forma complexa de se interpretar uma situação. (CRESWELL, 2007).

Para Vergara (2012) pesquisa descritiva expõe característica de determinada população, ou de determinado fenômeno, estabelece correlações entre variáveis, e define sua natureza, não tendo compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. No intuito de ponderar sobre a relevância do tema, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com auxílio de artigos científicos, teses entre os anos de 2011 a 2020, tendo regra o renomado autor Lipp (2001) tendo como fontes bases indexadoras como SCIELO, LILACS.

Para construção desta pesquisa de campo houve a participação de 05 mulheres transgênero que vivem na cidade de Sete Lagoas/MG, que voluntariamente participaram das entrevistas, de modo que se garantiu a diversidade de faixa etária. Para início e aprovação das entrevistas, cada uma das entrevistadas assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, confirmando de forma direta a participação e a descrição quanto à identidade das mesmas. Para concretização das entrevistas, a participação das *trans* começou através da indicação de uma das entrevistadas, onde houve a indicação subsequente, para composição da amostra, método conhecido como *snowball* (bola de neve). (BALDIN, 2011).

Observa-se que os levantamentos realizados através da utilização dos métodos para esta pesquisa, tiveram um tratamento com foco em sua interpretação e profundidade. Desta maneira, a utilização da abordagem qualitativa descritiva e exploratória tiveram abrangência em características típicas, tomando um cuidado quanto a não quantificação, lidando com o universo de aspirações, sentidos, motivos, valores e crenças os quais não podem ser sintetizados à instrumentalização de variáveis (MARCONI; LAKATOS, 2010).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Transgêneros entrevistadas

Os dados coletados serão apresentados e descritos nesta sessão da pesquisa, onde as informações serão reunidas quanto à sua teoria e a realização das entrevistas. Como anteriormente mencionado, participaram da pesquisa cinco entrevistadas com idade de 21 a 30 anos e todas se identificam como transgênero/feminino. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). As entrevistadas serão descritas de forma enumerada para garantir o sigilo das mesma, faixa etária, grau de escolaridade e tempo de identificação como transgênero como apresentado na tabela abaixo:

Tabela 1. Caracterização dos entrevistados

Transgênero	Faixa Etária	Grau de Escolaridade	Tempo de Identificação
Entrevistada 1	21 a 30	Superior Completo	10 anos
Entrevistada 2	21 a 30	Fundamental Completo	Desde o nascimento

Entrevistada 3	21 a 30	Ensino Médio Completo	Entre 5 e 10 anos
Entrevistada 4	21 a 30	Ensino Médio Incompleto	Entre 5 e 10 anos
Entrevistada 5	21 a 30	Ensino Médio Completo	Entre 5 e 10 anos

Fonte: Dados construídos pelo pesquisador (2021)

Algumas características fortes são observadas entre as entrevistadas, como a faixa etária que se apresenta entre a mais jovem e o tempo de identificação como transgênero que está entre 5 e 10 anos. Somente um entrevistado se identifica como tal desde que ‘se entende por gente’. Além dessas características, nas entrevistas foram eleitas as seguintes categorias para análise: a atuação como garota de programa; violência e discriminação quanto à orientação sexual; transtornos psicológicos sofridos pela condição de ser transgênero; formas de intervenção psicológica para minimizar os transtornos.

4.2 A atuação como garota de programa: escolha ou necessidade

De forma generalizada observa-se que a atuação dos transgêneros como garota de programa é em grande escala, uma vez que existe uma grande dificuldade em conseguir outro emprego como fonte de renda. O mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais criterioso e crítico quando selecionam seus candidatos, porém, quando se fala de travestis o dito "critério" torna-se um grande preconceito, dificultando a colocação desses sujeitos no mundo do trabalho. Quando questionadas sobre a atuação como garota de programa, algumas entrevistas relataram o seguinte:

“Sim, inicialmente foi uma escolha, mas hoje é uma necessidade. Tentei buscar emprego depois de trans, mas não tive oportunidade, e vivendo no meio trans eu percebi que poderia ganhar dinheiro, assumi os riscos mas enfrente, tenho plena consciência que não vai proporcionar dinheiro sempre, e espero acabar com isso aos 35 ou 40 anos”. (Entrevistada 1)

“Sim, eu entrei nesse serviço por que a sociedade não nos aceita, infelizmente não temos oportunidade de emprego, então o que me restou foi vender meu corpo. No passado me fez mal, sofri muito, apanhei muito de cafetina, mas hoje em dia não sofro tanto aprendi a lidar com a situação.”. (Entrevistada 3)

Dentro do quesito mercado de trabalho, é importante salientar que Lopes e Moura (2014) enfatizam que são mínimas as oportunidades para as mulheres transgênero no mercado

de trabalho; mesmo considerado que estas atuem em atividades de âmbito feminino, elas não são tidas como mulheres e ambíguas se tornam alvo de ações preconceituosas advindas da sociedade. Compreende-se que no quesito diversidade a dificuldade é dupla, quando vivida pela mulher transgênero, pelo fato de que já é desafiador para a mulher entrar no mercado de trabalho e pleitear os mesmos direitos que o homem, isso aumenta quando é para o travesti.

Sistemas de seleção discriminatórios se fazem presentes na maior parte das instituições pelas quais as pessoas transgênero circulam, efetivando a inserção denominada de “admissões condicionadas”. Essa forma de contratação evidencia o papel seletivo e prescritivo das instituições, e mesmo que a garantia do acesso, permanência e cuidado são seus princípios orientadores, quando se trata do contato com as diferenças étnicas, sexuais, religiosas, de classe social, entre outras, tais instituições prescrevem e reafirmam formas ditas coerentes de acesso, inserção e participação da sociedade nesses processos. (SILVA, BEZERRA, QUEIROZ, 2015).

Quando existe o respeito às diferenças de cada indivíduo, as pessoas se conectam e promovem intuitivamente o crescimento social. Quando age-se com respeito e inclusão a pessoa que tem diferenças, nos colocamos como cidadãos conscientes. Os transgêneros tem capacidades e competências identificadas a todas as outras pessoas, pois sua condição não o faz menos capacitado, porém, ao assumirem a identidade de gênero frente a sociedade, a intolerância fica evidente. É importante que não haja o julgamento prévio apenas pelas características apresentadas pelo indivíduo, cerceando deles os mesmos direitos que tem os demais e tornando isso como um entrave para sua inclusão, seja na vida ou no meio profissional (SARAIVA, 2012). Esses fatores podem ser percebidos nos depoimentos de todas as entrevistadas:

“Principalmente na área comercial, pois eles estereotipam muito as pessoas, na identidade tem como masculino então eles esperam aquilo. Infelizmente não existe essas vagas para pessoas LGBS. No supermercado, eu fui fazer parte da seletiva, e eu senti que a minha entrevista foi curta, sem interesse, e aí eu percebi que eu não seria chamada, pelo fato de ser trans, pois eu tinha experiência e preenchia todos requisitos”. (Entrevistada 1)

“Confesso que senti algumas vezes, por isso desisti de procurar, é muito chato e constrangedor a gente chegar para procurar emprego e lidar com o despreparo do entrevistador, na última vez que eu tentei, eles não foram capazes de me chamar pelo nome social, sendo que eu havia pedido para me chamar de Antonella”. (Entrevistada 2).

“Sempre que procurei empregos formais eu senti, foi muito constrangedor. Uma vez fui em uma lanchonete pedir emprego, e o dono disse que lá não era casa de prostituição, me senti um lixo, pois queria apenas um emprego.”. (Entrevistada 3)

“a discriminação existe sempre, já aconteceu diversas vezes, lembro de uma vez que eu fui procurar emprego em uma fábrica de tijolos, chegando lá tinha vários homens esperando pela entrevista, foi super constrangedor, os olhares de deboche e as piadinhas, na hora da entrevista, eu senti que comigo foi diferente, a mulher foi rápida e disse que aquela vaga não seria para meu tipo.”. (Entrevistada 4)

“Ser uma mulher trans, não é (fácil, sempre enfrentamos dificuldades, olhares de rejeição e desprezo, lembro de uma vez que fui procurar emprego em uma loja de acessórios femininos, quando eu cheguei e entreguei o currículo eles me disseram que os dados não batiam, ou seja pelo meu nome de registro eles imaginaram que eu fosse homem.” (Entrevistada 5)

No entendimento de Abrahão (2014) existe um padrão considerado como normal, como belo, correto e, em volta deste padrão definido como único são definidas as coisas e todos os benefícios ofertados aos empregados. Por diversas vezes, o Brasil, é um país que esse padrão de normalidade tem se apresentado como heterossexual, masculino, branco, adulto, magro, católico, e demais atributos que confundem-se com o que vem a ser normal, moral, esteticamente belo e com capacidade de decisão e liderar organizações. Baseado nesse padrão único são formados os estereótipos, fazendo com que surjam as práticas discriminatórias e preconceituosas que nem mesmo são reconhecidas como tais, visto que o correto é se enquadrar no perfil predefinido deste padrão.

4.3 Violência e discriminação quanto orientação sexual e identidade de gênero

Quando se fala de violência de gênero, existe uma caracterização por esta ser direcionada a grupos de vulnerabilidade existente na sociedade atual, nos quais se enquadram grupos de mulheres, gays, travestis, lésbicas, transgêneros e transexuais. O denominado grupo transgênero tem ficado de lado pelo preconceito, alocado à margem em diversos campos, inclusive da ciência e como pela própria sociedade. O grupo dos transgêneros vivem em total vulnerabilidade, o que se agrava no caso de travestis, fazendo com que a desestabilização provada por sua performance de gênero, que tem elo a um conjunto da negação de estereótipos a respeito da homossexualidade em geral, torna os travestis potenciais vítimas da violência. (PAGLIARI, PIBER, 2015). As entrevistadas ressaltam que vários são os tipos de violência sofridas por elas e por diversas vezes, como demonstrado nos relatos abaixo.

“Já sofri violência diversas vezes, uma vez eu estava no shopping e eu iria usar o banheiro feminino, e tinha duas mulheres na porta, e uma delas disse que não iria entrar por que não sabia se eu era homem ou mulher, eu ouvi todas as palavras de xingamentos e voltei para casa com ela sobre isso, e ela me pediu desculpas. Em

outro dia também sofri no banheiro de outro estabelecimento, onde a faxineira do local pediu para eu não usar o banheiro, me direcionando ao banheiro feminino, falando que eu não seria coisa de Deus, e entrou na frente da porta me proibindo. Depois de muito transtorno e seguranças eu consegui entrar.” (Entrevistada 1)

“Quando a gente trabalha na noite, a violência vem de diversas parte, seja de cliente que acha que somos obrigadas a fazer tudo, e vem penetrando com força, machucando a gente, teve uma vez que eram dois rapazes, me ofereceram mais dinheiro para usar cocaína com eles, eu como estava precisando aceitei, arrependo muito, por que eles me levaram para um sitio distante da cidade, e fizeram tudo de ruim que você imaginar, não gosto nem de lembrar, tive que ir para o hospital pois estava sangrando muito”. (Entrevistada 2).

“Violência a gente sofre sempre, principalmente a psicológica, é um peso carregar o corpo trans na nossa sociedade, as vezes eu quero ir a um mercado e ser como todo mundo, mas infelizmente não é assim, sempre tem quem aponta, ficam olhando, e riem, as vezes eu chego em casa e choro, mas não desisto.”. (Entrevistada 4).

“Nunca sofri violência por parte de homem ao paquerar, pelo simples fato de desde sempre observar que, eles nunca queriam saber de mim quando estava no meio das pessoas, então por medo, eu nunca paquerei ninguém em festas, é melhor prevenir e esperar que eles cheguem”. (Entrevistada 2)

As violências as quais estão sujeitas baseiam-se em física ou psicológica, que são geradas pelo imaginário social e são acrescidas de significados do que é ser travesti e transexual de forma generalizada reforçando a discriminação e o preconceito dentro deste universo apresentado. Tal afirmação é corroborada através de pesquisa feita acerca da violência sofrida por este público no Brasil, na qual 30% de indivíduos entrevistados sentem repúdio e aversão por pessoas transgênero, sendo maior número apresentado por homens. É apresentada em 46% pessoas sentem ódio por pessoas do universo *trans* (SILVA *et al.* 2016).

4.4 Transtornos psicológicos sofridos pela condição de ser transgênero

Alguns transtornos psicológicos são evidentemente provocados em face da condição transgênero. As violências sofridas provocam transtornos que priva o indivíduo de outras atividades do cotidiano, levando-o à situações depressivas e que afeta significativamente seu convívio social e por sua vez, demanda de tratamento. As entrevistadas quando questionadas sobre a dificuldade em ser transgênero, na maioria responderam que sentem dificuldade em quase tudo, como podemos observar nas falas descritas a seguir.

“O meu maior trauma é a dificuldade que sofremos em tudo em tudo, sobre empregos, relacionamentos, entrar numa loja para comprar algo é difícil, ser trans é viver na solidão”. (Entrevistada 1).

“Ah, afeta muito nas relações, infelizmente não crio elo com as pessoas, pois até com minha família eu sofri preconceito, então sou desapega, assim evito sofrimento”. (Entrevistada 2).

“Confesso que passo por várias dificuldades, mas creio em um dia melhor, e sei que as coisas vão melhorar, e eu vou sair dessa vida de prostituição, isso não a melhor coisa do mundo, faz a gente se sentir usada, tenho medo dos homens e principalmente da polícia.”. (Entrevistada 3)

“Já desenvolvi alguns traumas sim, medo e ansiedade. O medo sempre vem quando saio à noite para trabalhar, sei lá alguém pode me bater, ou até mesmo matar, como já vi com várias amigas, e a ansiedade é algo que me acompanha desde sempre, quando fico pensando muito no amanhã, se vou conseguir trabalhar se vou ter clientes para pagar minhas dividas”. (Entrevistada 4).

“Reconheço muitos danos sim, a rejeição é o que mais me machuca, somos rejeitadas por ser quem somos, nos incomodamos”. (Entrevistada 2).

“Eu fico ansiosa com medo de ir para rua, sabe? Milha mão fica suando quando algum carro para perto, ou algum homem estranho passa, eu sei o quanto de meninas morrem fazendo programa”. (Entrevistada 4).

Frente ao apresentado, é possível notar que um critério de problematização no processo de violência, discriminação e por consequência os transtornos gerados, estão ligados ao corpo, por ser culturalmente diferente do que prega as normas, costumes e valores, que no caso dos transgênero, são vistos como seres desviantes e tendem a carregar para a vida transtornos que estigmatizam o seu processo de reconhecimento como ser autônomo e parte da sociedade atuante. (WAIMER, 2016)

Para Lanz (2014), diversos são os conflitos enfrentados pela pessoa transgênero no meio social e familiar, o que se deriva em virtude da sua forma de vestir, sua conduta e alterações físicas que são qualificadas como uma infração às regras e normas estabelecidas pela sociedade. Em face disso, é relevante a compreensão do sujeito em toda sua caminhada de vida e de um entendimento gerado a partir de sua subjetividade. Muitas entrevistadas reconhecem os transtornos causados ao psicológico em virtude de ser um indivíduo transgênero, o que é apresentado através de suas falas.

“Hoje lido bem com todas essas questões, creio que o autoconhecimento ajuda muito, saber dos meus direitos e deveres me ajudou muito”. (Entrevistada 1).

“Reconheço sim, todas essas violências me fizeram eu ser como sou hoje, me causaram diversos danos, me afetando num todo”. (Entrevistada 3)

“Com certeza eu reconheço, os danos são diários, as humilhações que eu sofro são horríveis, não sei o porquê disso tudo, só quero viver em paz e ser eu”. (Entrevistada 5).

Diante das demandas apresentadas neste estudo, como relatos e fundamentações sobre transgênero, tais apontamentos são essenciais para melhor compreensão dos transtornos psicológicos causados pela identificação de gênero e que afeta todos os núcleos da vida do indivíduo.

4.5 Intervenção psicológica como forma de minimizar os transtornos.

O fato de o transgênero apresentar transtornos psicossociais em face de sua condição, faz, com que o psicólogo tenha uma postura de apresentar uma assistência que promova primeiramente a realização de orientações que comportem ao indivíduo com autonomia, mesmo que seja difícil diante da negatividade social apresentada e dos transtornos apresentados. O autor Silva (2015) corrobora estes transtornos como sendo depressão, preconceito, questionamentos e outros.

Desta forma, é importante evidenciar que toda e qualquer ação do psicólogo deve estar pautada pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2014), como é apresentado no princípio primeiro do CFP, que descreve o psicólogo como mediador e promotor do respeito e liberdade, dignidade, igualdade e integridade de todo e qualquer ser humano, sustentado nos valores que defendem os Direitos Humanos (CFP, 2014). Quando questionadas a respeito da procura e importância do apoio psicológico, as entrevistadas relatam o seguinte:

“Nunca busquei, mas sempre percebi que seria melhor para eu lidar com todas essas situações, eu preferi refugiar e focar em outras coisas para esquecer. No entanto, a ajuda psicológica iria ajudar muito as trans em suas situações da vida, ajudar no entender do seu próprio eu, pois ser trans, é viver em um ponto de interrogação, pois somos julgadas e não sabemos o porquê.” (Entrevistada 1)

“Quando eu era mais nova sim, minha mãe me levou, quando eu era viadinho ainda, achando que teria como mudar o meu jeito, tadinha viu que não tinha. É bem importante sim, eu preciso fazer esses atendimentos, a cabeça da gente fica mal, resistir todos os dias cansa.” (Entrevistada 2).

“Eu procurei algumas vezes, foi muito triste pois nesse momento eu estava esgotada, pois eu não conseguia me abrir para outra pessoa. Porém com o passar do tempo eu me senti muito melhor, e valeu a pena. É fundamental o trabalho do psicólogo, por que esse profissional estudou para isso, então ele sabe exatamente onde podemos melhorar e nos encontrar, e nos enquanto trans devemos nos orientar sempre, pois não é fácil.” (Entrevistada 3)

Na visão de Alencar e Ciosak (2016) muitas são as intervenções necessárias, como a intervenção psicológica, pois o psicólogo tem a função de resgatar a essência deste paciente através de ações de acolhimento e aconselhamento, compreendendo-o e abrigando seus

sofrimentos emocionais, que por sua vez geram conflitos e angústias, para o mesmo. (DIAS, 2016). Mas, para que tais ações possam ser desenvolvidas, é preciso criar estratégias direcionadas ao grupo dos transgênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se iniciou com o intuito de chamar a atenção da sociedade em geral para um fenômeno que por sua vez é discriminatório e agride um grupo em determinado, ficando atento para a violência psicológica também sofrida por essas pessoas. Compreende-se que o Transgênero tem dificuldades quanto a aceitação e quanto sua inserção e visibilidade enquanto pessoa, pois o mesmo se nota e percebe-se estar em corpos que não os definem, porém, lhes foi atribuído ao nascer, e em especial quanto a forma de se transformar em seu meio de convivência e em suas relações interpessoais, onde o indivíduo é capaz de estabelecer um valor a si mesmo.

Na realização deste estudo, foi possível identificar que, quando o transgênero é percebido pela sociedade, ele tem um desvio quanto as normas e regras impostas, lidando assim com situações preconceituosas e de retaliações. Evidenciou através dos depoimentos apresentados nesta pesquisa, que conforme sofrem violências, sejam elas físicas ou emocionais, as mulheres *trans* desencadeiam transtornos psicossociais que prova ainda mais a necessidade de criar políticas públicas que apoiem essa esfera da população.

Sendo assim, a contribuição da Psicologia está pautada no processo de ressignificação de uma nova visão quanto aos transgênero, pois objetiva-se com a psicologia uma auxílio que possa promover a autonomia no indivíduo, ponderando toda a subjetividade de cada um, possibilitando um olhar reflexivo e crítico, para que possa quebrar o preconceito sob o transgênero.

Parte-se de uma premissa, que se deve haver estudos direcionados ao âmbito familiar, o que terá uma contribuição acolhedora, e irá fortalecer e renovar a visão do indivíduo transgênero para si mesmo.

Por fim, é de suma importância atuar na estimulação e reforçar a mudança para que a sociedade tenha um novo olhar direcionado aos indivíduos transgêneros, onde o preconceito se faz enraizado.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Jorge. *Um avanço nos direitos LGBT*. In: Notícias, Instituto Ethos. 2014. Disponível em: <http://www3.ethos.org.br/cedoc/um-avanco-nos-direitos-lgbt/#.UyC7vD9dWgQ>. Acesso em: 28 mai. 2021.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: *X Congresso Nacional de Educação - Educere*. Curitiba, 2011. Disponível: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf Acesso em 28 mai. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria Helena Kühner. 5ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- BUSIN, Valeria Melki. *Morra para se libertar: estigmatização e violência contra travestis*. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.47.2015.tde-14072015-092040. Acesso em: 30 out.2020. .
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Transexualidade não é transtorno*. mental, oficializa OMS (2019) Disponível: <<https://site.cfp.org.br/tag/transexualidade/>> Acesso em 30 out. 2020.
- CAPUTO, Ubirajara de None. *Geni e os Direitos Humanos: um retrato da violência contra pessoas trans no Brasil do século XXI* / Ubirajara de None Caputo; orientador José Moura Gonçalves Filho. -- São Paulo, 2018. Disponível: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-14112018-111830/publico/caputo_corrigida.pdf> Acesso em 30 out. 2020.
- CAZARRÉ, Marieta. Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais.(2008 a 2014) Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/dire>. Acesso em 10 abr de 2021.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DIAS, J. A. H.; BERNARDINELLI, M. C. *O transexual e o direito de acesso ao mercado de trabalho: do preconceito à ausência de oportunidades*. Curitiba. Revista de Gênero, Sexualidade e Direito, 2016..
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa* - 6ª Ed. 2017.
- Grupo Gay da Bahia. *Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2014*. Salvador; 2015 Disponível: <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/> Acesso em 25 out. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Técnicas de Pesquisa*. 8ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2017. Disponível: < <https://www.wook.pt/livro/tecnicas-de-pesquisa-marina-de-andrade-marconi/22357932>> Acesso em: 15 out. 2020.

LIPP, M. E. N. (2014) *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp* (ISSL). (3.ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=117219&pid=S1413-0394201500010001000011&lng=pt Acesso em 15 de maio de 2021.

LOPES, Paloma de Lavor. MOURA, Renan Gomes de. O Preconceito e a Discriminação de Transgêneros no Processo de Recrutamento e Seleção de Pessoal: uma Revisão Bibliográfica. (2014). Disponível: < <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/36520376.pdf>> Acesso em 25 mai. 2021.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa Qualitativa. 7ª edição. Petropolis. Rio de Janeiro. 2018.

PAGLIARI, Danieli. PIBER, Lizete Dieguez. *Violência de Gênero: Com a Palavra os Transgêneros*. Disponível: < <http://anais.est.edu.br/index.php/teologians/article/view/539/0>> Acesso em 25 mai. 2021.

RIBEIRO, Elisa Antônia. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. Evidência: olhares e pesquisa em saberem educacionais. Araxá/MG, n. 04, p.129-148. 2014. Disponível em: <<http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/328/310>> Acesso em 15 out. 2020.

RODRIGUES, Edwirges Elaine. ALVARENGA, Maria Amália De Figueiredo Pereira. *Transsexualidade e Dignidade da Pessoa Humana* (2015). Transsexualidade e Dignidade da Pessoa Humana.

Disponível: < <file:///C:/Users/User/Downloads/18583-93712-1-PB.pdf>> Acesso em 28 out. 2020.

SARAIVA, L. A. S. (2012). Além dos estigmas profissionais. In: Freitas, M. E. & Dantas, M. (Orgs.). *Diversidade sexual e trabalho*. São Paulo: Cengage Learning, pp. 150-1.

SILVA, Glauber Weder dos Santos. SOUZA, Emanuel Filipe Leite. SENA, Romeika Carla Ferreira de. MOURA, Izabella Bezerra de Lima. SOBREIRA, Maura Vanessa Silva. MIRANDA, Francisco Arnoldo Nunes de. *Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro* (2016). Disponível: <https://www.scielo.br/pdf/rge/v37n2/0102-6933-rge-1983-144720160256407.pdf> Acesso em 25 out. 2020.

SILVA, R. G. L. B. da, BEZERRA, W. C., & QUEIROZ, S. B. de. (2015). *Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais*. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 26(3), 364-372. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p364-372>

SOUZA, Martha Helena Teixeira de et al . *Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil*. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 31, n. 4, p. 767-776, Apr. 2015 . Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000400767&lng=en&nrm=iso. Acesso out. 2020.

WAIMER, Mateus et al. Do gênero à identidade: Uma revisão teórica em debate sobre pessoas transgênero. *Revista EM FOCO* - Fundação Esperança/IESPES, [S.l.], v. 2, n. 24, p. 70-82, abr. 2016. ISSN 2319-037x. Disponível em: <http://iespes.edu.br/revistaemfoco/index.php/Foco/article/view/63/5425> . Acesso em: 09 mai. 2021.